

Admirável mundo novo e A ilha: O Romantismo anticapitalista de Aldous Huxley

Prof. Dt. Evanir Pavloski (UEPG)

...

Resumo:

Em seus escritos utópicos, Huxley encontra o ponto de convergência entre a crítica sociocultural e a capacidade imaginativa. Seja por meio do cenário distópico e aterrador de Admirável mundo novo, publicado em 1932, seja por meio da idealização de uma comunidade, ao mesmo tempo, modelar e frágil em A ilha, de 1962, o autor analisa e questiona os rumos, os ideais e os símbolos das sociedades modernas. Enquanto projeto de reconstrução social, a dicção literária do autor se alinha a uma perspectiva crítica que Lukács definiu como romantismo anticapitalista. Diante disso, o presente trabalho visa discutir as relações de oposição e semelhança entre os dois romances de Aldous Huxley com o propósito de delinear não apenas a estética literária do autor em sua vertente utópica, mas também o seu pensamento crítico-analítico perante a expansão do racionalismo capitalista.

Palavras-chave: Huxley, utopia, distopia, romantismo, capitalismo.

1 Introdução

Enquadrar os múltiplos aspectos que compõem a obra de Aldous Huxley em um único conceito pode parecer, a princípio, excessivamente generalizador diante da longevidade do autor e de sua produtividade crítica e ficcional. Entretanto, justificamos o título da presente seção de duas maneiras. Primeiramente, referimo-nos à caracterização que o escritor faz de si mesmo como um romântico tardio e seguidor incorrigível de William Wordsworth, um dos fundadores do movimento na Inglaterra¹. Evidentemente, tal influência não pode ser apontada como o signo principal de toda a sua bibliografia, mas, como demonstraremos, ela pode ser percebida como uma das características das projeções utópicas de Huxley. Além disso, os dois romances que delimitam o escopo analítico do presente trabalho representam momentos nos quais o espírito romântico se mostra inicialmente abrasado e, posteriormente, amadurecido.

2 Perspectivas teóricas

Primeiramente, é necessário definir o conceito que utilizamos para caracterizar esses aspectos do pensamento do autor britânico: a concepção de romantismo anticapitalista criada por Lukács é analisada na obra *Romantismo e política* de Michael Löwy e Robert Sayre, publicada em 1993.

Na fonte dessa visão há uma reação de hostilidade à realidade atual, uma recusa quase total, e, freqüentemente, de grande intensidade afetiva, do presente. Tal atitude extremamente crítica do real no presente determina os outros elementos da temática. Para definir o romantismo, fez-se muitas vezes uma enumeração ou uma configuração de temas presentes de maneira abstrata

¹ Em uma palestra pronunciada em 02 de abril de 1959, três anos antes da publicação do romance *A ilha*, Huxley afirma que: “precisamos de uma estética, uma sensibilidade organizada que polarize de maneira artística nossas emoções em relação ao mundo. Sou um velho e incorrigível wordsworthiano; considero Wordsworth um dos quatro ou cinco maiores poetas ingleses, um homem que contribuiu com idéias de enorme importância sobre qual deveria ser nossa relação com o mundo” (HUXLEY, 1977, p. 40-41).

e atemporal, sem se compreender que os aspectos que parecem ser os mais puramente espirituais ou intelectuais estão estreitamente ligados à temporalidade. O romantismo começa como revolta contra um presente concreto e histórico (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 20).

Todo o potencial crítico que caracteriza os trabalhos dos autores incluídos sob a égide dessa perspectiva analítica deriva, em grande medida das frustrações e distorções histórico-sociais que advém com o século XX. Esse posicionamento, não raras vezes catalisado por um sentimento de estranhamento em relação à nova conjuntura das sociedades, pode levar a uma postura caracteristicamente nostálgica que pode encontrar a sua sublimação na idealização utópica. Distingue-se, então, um desejo de retornar as estruturas e formas de pensamento do passado como forma de transformar o presente e construir o futuro. Como afirma o professor Paulo Soethe,

A visão de intelectuais anticapitalistas românticos caracteriza-se pela perda, pela convicção de que faltam ao real certos valores essenciais que foram alienados. Muitas vezes essa alienação é vivida como exílio, e a atitude geral vem marcada pelo desejo intenso de reencontro de um lar perdido, sob o signo da nostalgia. Anseia-se por um passado anterior ao capitalismo, e a idealização desse momento pode transformá-lo em utopia. É dessa forma que o passadismo romântico pode representar um olhar para o futuro (SOETHE in CODATO, 2006, p. 34).

Assim, o descontentamento com o *ethos* presente faz com esses românticos desviem o olhar para uma época considerada modelar na qual não havia os conflitos atuais. Os sentimentos de deslocamento e estranhamento impulsionam uma ânsia pelo retorno a esse tempo aparentemente perdido.

Deseja-se arduamente reencontrar o lar, retornar à pátria, e é precisamente a nostalgia do que foi perdido que está no centro da visão romântica anticapitalista. O que o presente perdeu existia antes, num passado mais ou menos longínquo. A característica determinante desse passado é sua *diferença com o presente* é o período em que as alienações do presente ainda não existiam. Já que essas alienações provinham do capitalismo tal como o percebem e concebem os românticos, trata-se de uma nostalgia por um passado *pré-capitalista*, ou, ao menos, por um passado em que o sistema capitalista era menos desenvolvido do que no presente (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 22-23) [*grifo do autor*].

Entretanto, essas características do pensamento romântico não estariam restritas ao movimento que se desenvolveu de maneira difusa no século XIX? Como a longevidade dessa influência pode ser verificada nas obras de autores da geração de Aldous Huxley? Löwy e Sayre, ao caracterizarem a crítica ao capitalismo como um dos eixos centrais do romantismo, associam sua perenidade ao próprio desenvolvimento do sistema. Portanto, quanto mais as relações sociais se condensam de acordo com a lógica capitalista, mais o discurso crítico se propaga

Nenhuma das datas de encerramento que foram propostas para delimitar o fenômeno da visão romântica anticapitalista é aceitável: nem 1848, nem a virada do século, marcam o seu desaparecimento ou mesmo a sua marginalização. É também o que acontece com o romantismo nas artes: se no século XX os movimentos artísticos deixam de denominar-se assim, não é menos verdadeiro que correntes tão importantes como o expressionismo e o

surrealismo estampam o selo profundo da visão romântica. Se nossa hipótese – que a visão romântica é por essência uma reação contra as condições de vida na sociedade capitalista – se justifica essa visão se estenderia ao próprio capitalismo (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 19-20).

É importante salientar que o romantismo antcapitalista não é definido unicamente pela contestação das estruturas presentes, mas também pela defesa de valores positivos que se busca alcançar ou, mais comumente, recuperar. Esses princípios representam aquilo que, segundo a sensibilidade romântica, foi perdido com a consolidação do capitalismo. O primeiro deles é a valorização da subjetividade individual diante da fragmentação, do isolamento e, ao mesmo tempo, da massificação do sujeito moderno.

Ora, o desenvolvimento do sujeito individual está diretamente ligado à história e à pré-história do capitalismo: o indivíduo “isolado” desenvolve-se com e por causa do capitalismo. Entretanto, aí está a fonte de uma importante contradição da sociedade capitalista, pois esse mesmo indivíduo por ela criado só pode viver frustrado em seu seio e acaba por revoltar-se contra ela (...) O romantismo representa a revolta da afetividade reprimida, canalizada e deformada sob o capitalismo, e da “magia” da imaginação banida do mundo capitalista (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 26).

O outro valor, aparentemente contraditório, mas em verdade apenas complementar ao primeiro, é a unidade ou totalidade. Segundo a visão romântica, o sujeito além de buscar a afirmação de sua individualidade, também necessita estabelecer uma relação equilibrada com dois outros universos: o da natureza e o da coletividade humana. Essa perspectiva integradora se desdobra, portanto, em três níveis distintos, mas mutuamente dependentes para a realização do indivíduo, ou seja, o particular, o natural e o coletivo. Nesse sentido, o capitalismo seria um sistema avesso à integração harmoniosa desses valores, uma vez que a exploração tanto da natureza quanto dos seres humanos por meio da atribuição de funções sócio-econômicas inviabiliza esse processo.

O princípio capitalista de dominação e exploração da natureza está em contradição absoluta com a inspiração romântica à integração e à harmonia do homem no universo. A aspiração à recriação humana (considerada sob múltiplas formas: na comunicação autêntica com outrem, na participação do conjunto orgânico de um povo – Volk – e do seu imaginário coletivo expresso nas mitologias e folclores, na harmonia social ou na sociedade futura sem classes etc.) é a contrapartida da recusa da fragmentação da coletividade e do isolamento do indivíduo no capitalismo (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 27).

Delineadas de maneira geral as características do romantismo antcapitalista, devemos agora discorrer especificamente sobre as particularidades que permitem a inclusão dos romances utópicos de Aldous Huxley nessa corrente de pensamento romântica

3 Desenvolvimento

A literatura de Huxley não se enquadra perfeitamente em nenhuma das categorias propostas por Löwy e Sayre para as manifestações do romantismo antcapitalista, ainda que elementos formais e temáticos da escrita de Huxley remetam a diferentes obras dessa vertente crítica. Segundo os próprios autores, a organização desse tipo de tipologia sempre envolve certo nível de generalização e arbitrariedade.

Esta tipologia deve ser manejada com precaução, não apenas porque geralmente a obra de um autor não corresponde totalmente a nenhum dos tipos ideais – o que é inevitável – mas também por causa dos movimentos, transmutações, negações e reviravoltas tão habituais no romantismo, que se manifestam pelo deslocamento de um mesmo autor de uma posição a outra no interior do espectro de cores românticas anticapitalistas (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 33).

Não obstante essa dificuldade tipológica, a herança cultural do escritor, enquanto membro da chamada “burguesia esclarecida”, parece ter gerado um senso de responsabilidade crítica e de comprometimento com a discussão dos elementos problemáticos da modernidade. Esse impulso se revela em seus textos ficcionais e, de maneira complementar, em seus diversos artigos e ensaios. Nesse contexto, os textos utópicos proporcionam não só um quadro geral dos principais conceitos de Huxley, mas também do seu crivo romântico e anticapitalista.

We can use his early novels as a guide to an understanding of the post-World War One generation of the privileged classes, their frustration, their cynicism, their disillusion, their experimentation with different aims in life (...) They are peopled with characters who are experiencing post-war (and post-Victorian) disenchantment, to whom it seems only too clear they can no longer believe in the old ways of doing things, in the old social and moral structures, the old artistic conventions, but who are uncertain, in some cases tormented, about what to put in their place² (CALDER, 1976, p. 11).

Assim, cabe-nos estabelecer aproximações com os tipos propostos por Michael Löwy e Robert Sayre como forma de caracterizar a veia romântica inerente ao discurso utópico de Huxley. Para facilitar tais aproximações, inverteremos a ordem cronológica dos romances ao longo da análise, uma vez que a distopia se insere em um gênero específico e característico do século XX que, em grande medida desconstrói o discurso utópico tradicional.

Em linhas gerais, *A ilha* pode ser vista como um arquétipo do discurso nostálgico que define em grande medida o romantismo anticapitalista. Como vimos, o impulso crítico desse grupo de modernistas denota um desejo de recuperação das estruturas sólidas e da organização social que antecederiam a consolidação do capitalismo. Ao buscar no passado respostas para os aspectos questionáveis do panorama social contemporâneo, esses autores atribuíam ao seu próprio pensamento reacionário as nuances de idealização utópica. Dentre as formas passíveis de serem assumidas por essa atitude crítica, Löwy e Sayre definem um delas como

Romantismo *resignado* ou “desencantado”, que compreende que o restabelecimento das estruturas pré-capitalistas é impossível e considera, mesmo se lamentando profundamente, que o advento do capitalismo industrial é um fato irreversível ao qual é preciso se resignar. Segundo os autores, esse tipo de romantismo pode dar lugar a uma visão trágica do mundo (contradição insuperável entre os valores e a realidade) ou uma atitude reformista que visa remediar certos males mais evidentes da sociedade burguesa, graças ao papel regulador de instituições de caráter pré-capitalista (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 30-31).

² Tradução livre: Nós podemos usar os seus primeiros romances para entender a geração das classes privilegiadas do período posterior à Primeira Guerra Mundial, a sua frustração, o seu cinismo, a sua desilusão, a sua experimentação com diferentes objetivos de vida (...) Eles são povoados com personagens que estão experimentando o desencanto pós-guerra (e pós-vitoriano), para as quais parece muito claro que elas não podem mais acreditar nos modos antigos de agir, nas estruturas sociais e morais, nas antigas convenções artísticas, mas que estão incertas, em alguns casos atormentadas, sobre como preencher esse vazio.

Essa atitude reformista, fundamentada na justaposição de aspectos pré e pós-capitalistas, pode ser apreendida na narrativa utópica produzida por Huxley em 1963. Nesta obra, o autor mistura elementos sociais de ambos os períodos e conceitos da cultura oriental para representar a idílica ilha de Pala. Contudo, o espaço utópico figurado no texto não se mostra nem distante, temporal ou espacialmente, da modernidade capitalista, nem imune às suas influências. Tal configuração qualifica *A ilha*, segundo a tipologia de Jerzy Szachi, como uma utopia escapista com certas características monásticas, ou seja, uma projeção que revela uma profunda frustração com a realidade experimental e que se baseia na idealização de um *ethos* que tenta preservar seus conceitos e costumes diante de uma ordem mundial tida como negativa.

Utopias desse tipo são vez por outra elaboradas por indivíduos bem integrados na sua sociedade, que fazem tudo o que ela exige, e que somente no sossego de seu quarto se deixam transportar em viagens para a ilha feliz (...) Em outras ocasiões, não há dúvida, trata-se de indivíduos rebelados contra a sociedade, mas incapazes de lutar contra ela com sua utopia nas mãos (SZACHI, 1972, p. 23).

Nesse sentido, a escolha do título do romance, ao remeter à obra de Thomas More, enfatiza não apenas o resgate da tradição problematizadora do pensamento utópico, mas também o grau de isolamento, tanto geográfico quanto ético, do núcleo social representado. Em síntese, a separação espacial de Pala reflete o seu distanciamento do sistema de valores das sociedades que a cercam. Assim, o conflito que dá progressão ao enredo é justamente a incompatibilidade entre o modo de vida da comunidade palanesa e os interesses que impulsionam o racionalismo capitalista inscrito na modernidade. Deriva daí o caráter trágico do romantismo anticapitalista do texto, uma vez que no desfecho da obra o modelo social da ilha sucumbe diante das pressões externas contra as quais tentava se resguardar. Devido à riqueza mineral de Pala, a inevitabilidade dessa forçosa integração à ordem mundial é mencionada diversas vezes ao longo da narrativa até que, por meio de uma intervenção, o processo de dominação é iniciado efetivamente. Dentre essas passagens do texto, destacamos a previsão resignada do Dr. MacPhail, uma das personagens centrais do núcleo utópico:

A despeito das diferenças ideológicas, as grandes potências talvez prefiram ver Pala subordinada a Rendang e com o seu petróleo explorado, a vê-la independente, porém sem permitir qualquer exploração. Se Dipa nos atacar, dirão que foi um ato deplorável, porém não levantarão um só dedo para detê-lo. E quando formos dominados e os “homens do petróleo” forem chamados, ficarão realmente deleitados (HUXLEY, 1967, p. 141).

Assim, à obra de Huxley pode ser atribuído um conceito proposto por Löwy e Sayre que contribui para a caracterização de uma vertente da visão romântica anticapitalista: o irrealismo crítico. Segundo os autores, o realismo enquanto categoria não consegue abranger um número considerável de textos que apresentam elementos não-realistas.

Seria preciso introduzir um conceito novo, o *irrealismo crítico*, para designar a oposição de um universo imaginário, ideal, utópico ou maravilhoso à realidade cinzenta, prosaica e desumana do capitalismo, da sociedade burguesa/industrial. Até mesmo quando ela toma a forma aparente de uma “fuga da realidade”, este “irrealismo crítico” pode conter uma potente carga negativa (implícita ou explícita) de contestação da nova ordem burguesa (filistéia) em andamento (LÖWY et SAYRE, 1993, p. 15) [grifo do autor].

É justamente essa oposição entre uma realidade considerada negativa e um espaço idealizado que lhe serve, ao mesmo tempo, de modelo e de antítese que caracteriza a utopia de Huxley. Contudo, o autor transcende a simples descrição das diferenças entre os dois espaços e

aprofunda a sua perspectiva crítica ao representar a submissão forçada de uma estrutura social pela outra. No romance em questão, o modelo utópico é comprometido pelo avanço irrefreável da lógica intervencionista e dominadora do capitalismo, elemento trágico do texto que, como vimos, se alinha com as características românticas salientadas por Löwy e Sayre.

Por sua vez, *Admirável mundo novo* representa uma tendência da literatura utópica própria do século XX que, segundo o entendimento de alguns autores como Martin Schäfer, possui uma ligação intrínseca com a crítica romântica.

Besides its obvious function as a "superweapon of anti-communism," it is this romantic influence which has given the antiutopia its name and its reactionary reputation. Even to a "value-free" sociologist such as Schwonke, Romanticism and political conservatism seemed to be as natural a pairing as science and utopianism at the other end of the spectrum. There is no doubt about the extent of the romantic influence. The very atmosphere of the antiutopia is one of Gothic horror, only half-concealed in *Brave New World* by Huxley's irony, and devouring everything in *Nineteen Eighty-Four*.³ (SCHÄFER, 1979, p. 287).

Schäfer acrescenta que uma ligação ainda mais profunda pode ser percebida entre o Romantismo e as antiutopias do século passado. Para o autor, a ascensão da burguesia progressista no Oitocentos o conflito entre os valores defendidos por esse grupo e sua ação efetiva na sociedade geraram a deturpação dos ideais que sustentavam o conceito de razão. Assim, o autor coloca como fatores fortemente interligados o fortalecimento das classes burguesas e a realização da utopia progressista sob os auspícios do racionalismo capitalista, aspectos que, como vimos, são importantes para um melhor entendimento dos romances de Huxley e, de forma mais ampla, de considerável parte da literatura modernista.

This is the problem with all politically progressive Romantics. Hoping, as they did, for freedom, democracy, and social justice, why did they not use the language of reason? We have to consider the spiritual and political climate in those countries where the bourgeoisie had actually come to power. This victory unleashed a very real "Dialectic of Enlightenment," to use Adorno's and Horkheimer's celebrated phrase. A total fulfillment of the promises of "liberté, égalité, fraternité" must have endangered the new masters. Thus these ideals were converted into an ideology for Sunday use, and the Enlightenment's belief in reason degenerated into simplistic rationalism⁴ (SCHÄFER, 1979, p. 291).

Diante disso, os distopistas problematizam a realidade social não pela inversão, mas pela radicalização de suas características. Ao contrário da descrição do país dos cavalos em *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, por exemplo, o espaço ficcional de *Admirável mundo novo* não é uma projeção invertida do universo experimental, mas uma projeção do nível de especialização

³ Tradução livre: Além da sua óbvia função como uma "super arma do anticomunismo", é essa influência romântica que deu à antiutopia o seu nome e a sua reputação reacionária. Mesmo para um sociólogo "livre de valores" como Schwonke, o Romantismo e o conservadorismo político parecem ser tão pares quanto a ciência e o utopismo do outro lado do *spectrum*. Não há dúvida sobre a extensão da influência romântica. A própria atmosfera da antiutopia é aquela do horror gótico, apenas levemente ocultado em *Admirável mundo novo* pela ironia de Huxley e devorando tudo em 1984.

⁴ Tradução livre: Esse é o problema com todos os românticos politicamente progressistas. Esperando, como eles, por liberdade, democracia e justiça social, por que eles não usavam a linguagem da razão? Nós temos que considerar o clima político e espiritual naqueles países onde a burguesia verdadeiramente assumiu o poder. Essa vitória libertou uma "Dialética do Esclarecimento" bastante real, para usar a tão celebrada expressão de Adorno e Horkheimer. Um completo cumprimento das promessas de "liberdade, igualdade, fraternidade" deve ter ameaçado os novos mestres. Consequentemente, esses ideais foram convertidos em uma ideologia para o uso dominical e a crença iluminista na razão degenerou em racionalismo simplista.

possível de ser alcançado pelas estruturas capitalistas. Neste *topos*, elementos como a industrialização, o consumismo e a instrumentalização dos corpos em favor do regime são potencializados e caracterizados como as bases de todo o arcabouço social.

Dessa forma, o horizonte retórico nessas narrativas se constrói pela apropriação do próprio discurso racionalista a ser criticado e pela representação das possíveis conseqüências de sua constante expansão. Por conseguinte, o perfil reacionário das distopias não se define pela justaposição entre a realidade empírica e um núcleo social idílico, mas pelo esboço de um futuro a ser consolidado pela manutenção das respectivas tendências sociais. Assim, a crítica ao racionalismo capitalista se desenvolve através da percepção e da exposição dos elementos irracionais e arbitrários que o compõem. “Once again, utopian hope for a rational society had to take on an irrational form. Since technological and social progress had been confused, since reason had seemingly become the instrument of institutionalized unreason, the antiutopians had to speak up for true reason by way of speaking up for irrational things”⁵ (SCHÄFER, 1979, p. 292).

Em *Admirável mundo novo*, os mecanismos de controle são aplicados geneticamente e reforçados ao longo de toda a vida, fazendo com que os paradigmas racionais que sustentam a estrutura social sejam naturalizados nos próprios indivíduos. E para aqueles que conseguem de alguma maneira suplantar esse condicionamento, como as personagens Bernard Marx e John, O Selvagem, o exílio ou a morte são os únicos caminhos possíveis. Em outras palavras, na comunidade distópica de Huxley, a eficiência do sistema controlador imposto previne a organização de individualidades ou movimentos de contestação.

Além do caráter científico, coercitivo e não violento dos mecanismos de controle apresentado por Huxley, o autor insere em seu universo ficcional outro aspecto importante para a sua inclusão no pensamento romântico anticapitalista: o consumismo. Em *Admirável mundo novo*, o consumo de produtos é a base principal sobre a qual se sustenta o progresso industrial da comunidade. Por isso, o Estado Mundial não apenas estipula a sua obrigatoriedade, mas também desenvolve métodos para naturalizá-lo enquanto comportamento padrão dos indivíduos. Para tanto, Huxley descreve um processo sistemático de internalização de frases e jargões que incentivam o consumo desenfreado. Isso se dá por meio de técnicas como o condicionamento pavloviano e a hipnopédia. Assim, é possível afirmar que Huxley apresenta em seu romance uma naturalização da lógica de consumo, propiciada, em grande medida, pela imposição científica de discursos semelhantes aos da publicidade moderna.

Huxley identified advertising as one of the formative influences on modern life (...) Advertising was a direct expression of the capitalist, consumer society ethic and linked with the tyranny of the machine (...) Right through Huxley's writings Henry Ford is a symbol both of the machine age and of conspicuous consumption, and in *Brave New World* God has become “Our Ford”, money and machine inexorably linked. Money is one of the problems the new world has solved, for class is determined in the test tube and possessions are determined by class (...) The problems has been solved by rationalizing the *status quo*, confirming inequality in a cleanly scientific way⁶ (CALDER, 1976, p. 11, 12).

⁵ Tradução livre: Uma vez mais, a esperança utópica de uma sociedade racional tem que assumir uma forma irracional. Uma vez que a tecnologia e o progresso social foram confundidos, uma vez que a razão aparentemente se transformou no instrumento institucionalizado da anti-razão, os antiutopistas tinham que falar em nome da verdadeira razão por meio da fala de coisas irracionais.

⁶ Tradução livre: Huxley identificou a propaganda como uma das influências formativas da vida moderna (...) A propaganda era a expressão direta do ética social capitalista e consumista e ligada à tirania da máquina (...) De forma direta nos escritos de Huxley, Henry Ford é um símbolo ao mesmo tempo da era da máquina e do consumo conspícuo e, no *Admirável mundo novo*, Deus se tornou “Nosso Ford”, o dinheiro e a máquina inexoravelmente ligados. O dinheiro é um problema que o novo mundo solucionou porque a classe é determinada no tubo de ensaio e as posses são determinadas pela classe (...) Os problemas foram solucionados por meio da racionalização do status quo, confirmando a desigualdade de uma forma cientificamente limpa.

Em síntese, a instrumentalização da ciência, a naturalização do consumismo e a rígida hierarquização social constituem a base da estrutura distópica de Aldous Huxley. Nesse contexto, é interessante perceber que tais elementos não são inversões, mas radicalizações de tendências que o autor apreendeu da realidade experimental no início do século. Como afirma Calder, “the social structure of society is based entirely on production and consumption. It is a logical extension of the capitalist consumer society that Huxley experienced in the 1920s” (CALDER, 1976, p. 54).

Esse discernimento de Huxley assume um teor profético quando o autor, em 1958, escreve uma série de ensaios intitulada *Regresso ao Admirável mundo novo*. Nesta obra, o escritor reavalia as reflexões desenvolvidas em seu romance prévio e entende que a expansão do racionalismo capitalista e o aperfeiçoamento de seus mecanismos coercitivos não apenas se mantiveram, mas também seguiram um ritmo muito mais acelerado do que ele acreditava ser possível.

Em 1931, quando o *Admirável mundo novo* estava para ser escrito, achava-me convencido de que restava ainda muito tempo. A sociedade completamente organizada, o sistema científico de castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas, as ortodoxias propagadas em cursos noturnos ministrados enquanto se dorme – estas coisas aproximavam-se tais eu as dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo de meus netos (...) As profecias feitas em 1931 estão para realizar-se muito mais depressa do que eu calculava (HUXLEY, 2000, p. 15, 16).

Diante dessa constatação, podemos compreender de forma mais representativa a complementaridade retórica dos dois principais romances utópicos de Huxley. Se a prospecção distópica em *Admirável mundo novo* se caracteriza por uma evolução do sistema capitalista em um regime totalitário, a destruição de uma comunidade como aquela representada em *A ilha* por razões puramente econômicas pode ser entendida como um dos estágios desse processo. Em outras palavras, a ruína do idílio utópico pré-capitalista reforça a crítica de Huxley sobre os paradigmas socioculturais do século XX. O fim da utopia desvela a realidade distópica que, na visão de Huxley, se constrói sob o signo da lógica do capital.

Conclusão

Diante de tudo o que foi exposto, percebemos que a dicção literária de Aldous Huxley se inscreve de maneira aparente na linha de pensamento crítico designada por Lukács como romantismo anticapitalista. Seja pela comparação de seus textos com os princípios definidos por Michael Löwy e Robert Sayre, com a produção de outros autores que compartilham da mesma visão ou com os distopistas do século XX, parece-nos indelével um posicionamento, ao mesmo tempo, resignado e reacionário de Huxley em relação ao capitalismo e suas respectivas idealizações. Dessa forma, o autor britânico participa de maneira efetiva de um eixo representativo das profícuas discussões que permearam a modernidade nos últimos séculos, processo dialógico que parece encontrar em seus romances utópicos a sua mais instigante realização.

Referências Bibliográficas

- 1] CALDER, Jenni. *Huxley and Orwell: Brave New World and Nineteen Eighty-Four*. London: Edward Arnold, 1976.
- 2] CODATO, Adriano. (org.) *Tecendo o presente*. Curitiba: SESC Paraná, 2006.
- 3] HUXLEY, Aldous Leonard. *A ilha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

⁷ Tradução livre: A estrutura social da sociedade é baseada inteiramente na produção e no consumo. É uma extensão lógica da sociedade capitalista e consumidora que Huxley conheceu nos anos 20.

- 4] _____. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 1995.
- 5] _____. *Retorno ao admirável mundo novo*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- 6] LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- 7] SCHÄFER, Martin. The rise and fall of antiutopia: utopia, gothic romance, dystopia. In: *Science Fiction Studies*, número 19, volume 06, p. 287-295. Greencastle: DePauw University, 1979.
- 8] SZACHI, Jerzy. *As Utopias ou a Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.